

## O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais

The event and details about the participants in  
brasilian sign language

*Bruno Gonçalves Carneiro\**, *Christiane Cunha de Oliveira\*\**

*\*Universidade Federal do Tocantins (UFT)*

*\*\*Universidade Federal de Goiás (UFG)*

---

**Resumo:** O corpo do sinalizante (como um todo) codifica a concepção de eventos, resultando em estruturas icônicas capazes de transmitir grande número de informações de forma simultânea. A este fenômeno denominamos *representação*. O objetivo deste artigo é identificar os participantes e o estado destes participantes através da disposição do corpo do sinalizante, durante a *representação*. Para tal, munimo-nos dos preceitos da Gramática Cognitiva de Langacker (1991, 2002, 2008) e da descrição dos Espaços *Token* e *Surrogate* nas línguas de sinais apresentados por Liddell (1996, 2000, 2003) e Liddell e Metzger (1998). Analisamos um texto sinalizado por surdo usuário da Libras. Sugerimos que o sinalizante mapeia entidades do discurso sobre seu corpo e cria também participantes invisíveis no espaço de sinalização. A *representação* transmite informações pragmáticas do evento e pode codificar detalhes a respeito do estado dos participantes.

**Palavras-chave:** Evento. Participantes. Língua de sinais.

---

**Abstract:** The body of the signaler (as a whole) expresses a given event, thus creating iconic structures capable of transmitting a wealth of simultaneous information. This phenomenon, called here *representation*. The goal of the study is to find participants and details about the participants during the *representation*. This study is based on the precepts of Langacker's Cognitive Grammar (1991, 2002, 2008) and on the description of the Token and Surrogate spaces in signed languages brought forth by Liddell (1996; 2000; 2003) and Liddell and Metzger (1998). The analyzed data include one narrative produced by deaf individuals fluent in Libras. The results suggest that the signaler maps onto his/her own body the various discourse entities also participants that are not visible may be mapped onto the signing space. The *representation* provides pragmatic information about the event and may encode details about the participants.

**Keywords:** Event. Participants. Sign language.

---

## Introdução

Nas línguas de sinais, o corpo do sinalizante participa de construções icônicas, capazes de transmitir grande número de informações de maneira simultânea. Há estruturas em que o sinalizante codifica eventos por meio da representação da ação e de (ao menos um de) seus participantes, numa espécie de encenação. Liddell (2003) nomeia este fenômeno de verbos descritivos, pois esses verbos descrevem certos aspectos além dos significados que codificam. Como não é nosso intuito apresentar uma nova terminologia, adotamos as colocações de Dudis (2008) que usa o termo *representação*<sup>1</sup> para se referir a essa classe de verbos descritivos.

O objetivo deste artigo é identificar os participantes e o estado destes participantes através da disposição do corpo do sinalizante, durante a *representação*. Identificamos também a presença de participantes invisíveis no espaço de sinalização, embora conceitualmente presentes. Para isso, analisamos, uma narrativa em libras, eliciada a partir de uma história em quadrinhos<sup>2</sup>.

Como fundamentação teórica, munimo-nos da concepção de evento proposto por Langacker (1991, 2002, 2008) e da descrição dos Espaços *Token* e *Surrogate* nas línguas de sinais, apresentados em Liddell (1996, 2000, 2003) e Liddell e Metzger (1998).

## 1 O evento e seus participantes

Langacker (1991, 2002, 2008) descreve a concepção de evento a partir de um modelo cognitivo de transmissão de energia, intitulado “bola de bilhar”. Segundo o autor, concebemos o mundo povoado de objetos discretos, distintos e interagindo uns com os outros, principalmente pelo contato físico. Alguns objetos geram energia, movimentam-se e são capazes de transmiti-la.

---

<sup>1</sup> Paul Dudis (2008) usa o termo *depiction* para se referir ao fenômeno aqui observado, que foi traduzido para o português como *representação*. Sugerimos também o termo *construção representativa* para abarcar a dinamicidade do fenômeno. No texto, destacamos o termo *representação* em itálico para diferenciar de representação, que se refere ao caráter simbólico da língua.

<sup>2</sup> Agradecemos ao José Filho que gentilmente aceitou participar deste trabalho e autorizou o uso de suas imagens.

Dessa concepção, distinguimos as entidades que geram das que recebem impactos, que por sua vez, gerarão novos movimentos e posteriores interações. Da mesma forma que atores em uma peça de teatro, atribuímos papéis a participantes que interagem dentro de um ambiente concebido e organizado sob uma estrutura temporal.

A definição prototípica de evento envolve as características de agentividade, com a ação de um agente visível, volitivo e controlador; afetação, em que há um paciente visível, não volitivo e não atuante; e um índice de mudança, caracterizado pela visibilidade dos conceitos anteriores ao longo do tempo. Outros participantes podem ser considerados. A distinção mais ou menos detalhada de papéis semânticos não é um princípio em si, mas uma questão pragmática.

Os traços prototípicos de agente, paciente e outros papéis semânticos são baseados em nossa experiência diária e dependentes do contexto, trazendo diferenças sutis na forma como um evento é visto, construído e contextualizado<sup>3</sup>.

Assim, o falante concebe e configura a cena de um modo particular, na medida em que escolhe o que vai dizer e como dizer, codificando a estrutura conceitual conforme as ferramentas estabelecidas pela convenção linguística.

O significado de uma expressão linguística (lexical ou gramatical) não se esgota no conteúdo conceitual que ela evoca; igualmente significativa é a maneira como esse conteúdo é construído/ interpretado, por outras palavras, o “construal” ou perspectivização conceitual que essa expressão impõe na cena que descreve. Assim, duas expressões podem representar essencialmente o mesmo conteúdo conceitual e, não obstante, diferirem semanticamente em virtude das diferentes perspectivas conceituais (construtos) desse conteúdo (SILVA, s/d, p. 24).

Uma situação concebida pode ser descrita de diversas maneiras, as quais fazem uso de imagens distintas (LANGACKER, 2002, 2008).

---

<sup>3</sup> Givón (1989, p. 60) apresenta as frases *He rode on the horse* (Ele montou no cavalo) e *He rode the horse* (Ele montou o cavalo) para ilustrar uma construção distinta na atribuição de papéis semânticos que acarretam em diferenças sutis no significado. Na primeira frase, *o cavalo* é construído como um locativo, sendo menos afetado e menos controlado. Na segunda, é construído como um paciente afetado, manipulado e controlado.

## 2 O corpo e o espaço nas línguas de sinais

Segundo Liddell (1996, 2000, 2003) e Liddell e Metzger (1998), a concepção que temos sobre o real é, de fato, uma representação daquilo que entendemos sobre o que vem a ser o real. A partir de informações sensoriais, construímos as imagens de nosso ambiente imediato: a noção de distância, dimensão e forma das entidades, bem como da nossa própria posição no espaço. Assim, o Espaço Mental Real (ou Espaço Real) consiste de todas as representações que elaboramos sobre o ambiente físico imediato. A disposição das entidades do entorno e a concepção que construímos sobre tal disposição, são acontecimentos diferentes. Mas em geral, esses construtos se sobrepõem, daí tratarmos o Espaço Real, que é uma representação, como possuidor das mesmas propriedades do nosso ambiente físico do entorno (realidade objetiva).

Espaço real, segundo Liddell, é o espaço mental construído a partir de nossa experiência sensorio-perceptual da situação corrente, e a partir de nosso conhecimento de mundo. Trata-se da conceitualização do contexto de enunciação, incluindo as conceitualizações das pessoas, dos objetos e do espaço à nossa volta (MCCLEARY; VIOTTI, 2011, p. 295).

É possível a mesclagem de um ponto arbitrário do ambiente físico imediato (produto do Espaço Real) a uma entidade do Espaço Mental narrativo<sup>4</sup>, de forma que os referentes enunciados ao longo do discurso passam a ser estabelecidos no espaço de sinalização. Liddell (2003) denomina esta mesclagem de Espaço Mental *Token* (ou Espaço *Token*).

Nas palavras de Moreira (2007),

[o] espaço mental token é um espaço integrado, em que as entidades ou as coisas das quais se quer falar são representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico. As entidades tokens são invisíveis (apenas pontos associados a alguma representação mental) e são integradas ao espaço mental real (MOREIRA, 2007, p. 47).

---

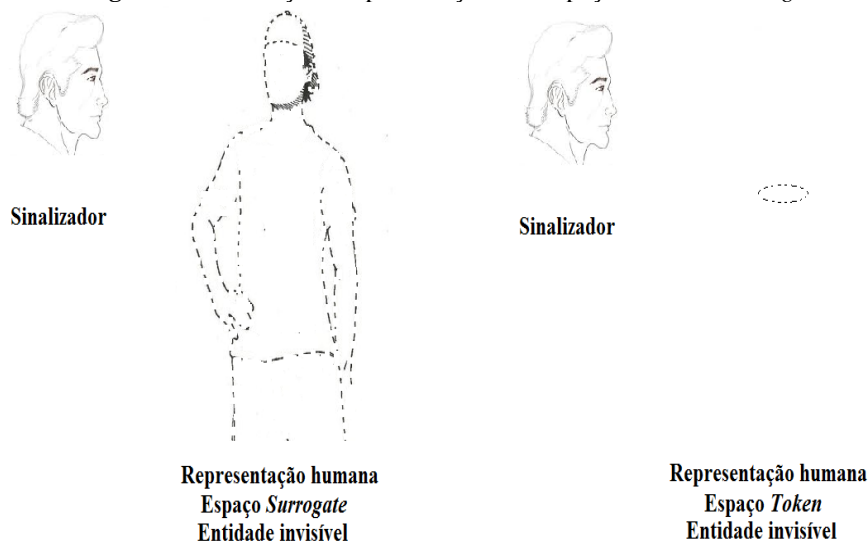
<sup>4</sup> Espaço Mental que corresponde à conceitualização da história.

A partir dessa mesclagem, as entidades conceituais do Espaço Mental passam a ser fisicamente manipuladas. As línguas de sinais utilizam esse recurso de forma vantajosa, a saber, pela trajetória dos verbos de indicação e dos sinais de apontação, cujo movimento faz referência aos participantes da concepção (elementos do Espaço Real e/ou do Espaço *Token*).

O corpo do sinalizante não participa do Espaço *Token*. Nessa Mesclagem, apenas vincula-se um referente a um ponto no espaço de sinalização, sem dimensioná-lo. A nova entidade desse Espaço Mental de Mesclagem, no caso de um referente humano, por exemplo, não é concebido em suas características antropométricas, apenas como um ponto no espaço. Nenhuma atividade é possível com um elemento do Espaço *Token* além de referenciação (LIDDELL, 2000, 2003).

Quando a contraparte do *input* do Espaço Real, na formação do Espaço Mental de Mesclagem, é o corpo do sinalizante, esse produto é denominado de Espaço *Surrogate* (“substituto”). Nesse momento, o sinalizante se torna algo ou alguém diferente, um elemento visível da construção. O evento é demonstrado “ao vivo”, de forma a ser concebido no aqui e no agora. O sinalizante permite ao interlocutor um acesso concreto (uma espécie de simulação) da situação oriunda do discurso. Surgem também outros referentes no cenário que, embora invisíveis, estão conceitualmente presentes. Os movimentos do tronco, da face, a direção do olhar, as expressões faciais e todo elemento gestual realizado pelo sinalizante serão vinculados à entidade do Espaço Mental de Mesclagem (AARONS; MORGAN, 2003; DUDIS, 2004, 2008; LIDDELL, 1996, 2003; LIDDELL; METZGER, 1998; PERNISS, 2007).

A figura 1 ilustra a diferença de uma pessoa representada nos Espaços *Token* e *Surrogate*.

**Figura 1** - Diferença de representação nos Espaços *Token* e *Surrogate*.

**Fonte:** Elaborado pelos autores. Adaptado de Liddell (2000, p. 339)

Apesar da participação do corpo na construção de Espaço Mental de Mesclagem, apenas parte dele é utilizada nessa formação (LIDDELL, 2003; DUDIS, 2004, 2008). Isso permite, por exemplo, a *representação* de um personagem correndo enquanto o sinalizante está sentado ou deitado, bem como a segmentação do corpo para *representação* simultânea de papéis semânticos distintos. Essas são evidências de que apenas partes do corpo, relevantes para o discurso, fornecem *inputs* na Mesclagem. É possível também a *representação* de um personagem com dimensões antropométricas distintas do sinalizante. Nesta situação, o olhar do sinalizante seria direcionado para baixo, dimensionando um sujeito alto, e para cima, ao incorporar a estatura de uma criança, por exemplo.

O interlocutor deve ser capaz de identificar a presença de um *Surrogate*, imprescindível para a compreensão do discurso sinalizado. O comportamento do olhar, face e tronco do sinalizante adotam uma disposição particular e denunciam a posse de outra identidade (DUDIS, 2004, 2008; LIDDELL, 2003; MCCLEARY; VIOTTI, 2011; WULF; DUDIS, 2005). O Espaço *Surrogate* não é restrito às línguas sinalizadas. Ocorre também de forma produtiva nas línguas orais. Da mesma maneira, toda produção gestual do falante será atribuída ao sujeito na Mesclagem, acrescido de todos os seus gestos vocais (LIDDELL; METZGER, 1998; LIDDELL, 2003).

O corpo, na *representação*, torna-se importante fonte para construção de significado nas línguas sinalizadas, projetando informações detalhadas sobre as situações descritas.

### 3 O evento e o estado dos participantes

Nesta seção, apresentamos três trechos de uma narrativa eliciada a partir da história “O cesto tem que ser maior”, da Turma da Mônica. Convidamos um colaborador surdo para narrá-la em libras. No caso, o narrador conta a história para um interlocutor surdo.

#### Trecho 1

Figura 2 – Trecho 1 da narrativa “O certo tem que ser maior”



Fonte: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Tradução livre:

*Um índio caminhava distraído pela floresta quando avistou um peixe no lago. Logo teve a ideia de atirar sua lança. Então, se preparou.*

Na imagem (1c), ilustrada a seguir (Fig. 3), identificamos uma *representação*. O sinalizante adota uma disposição corporal e facial particular que passa a representar a ação e o agente desta ação. Neste momento, a disposição do corpo do sinalizante se refere ao participante |*índio*|<sup>5</sup>. O ato de andar, que envolve toda a porção superior do corpo do sinalizante, é codificado semelhantemente ao nosso deslocamento corporal em situações diárias de deambulação, apesar de o colaborador não sair do lugar. Isso é possível porque nem todo o *input* corporal participa da mesclagem. Nesse caso, as pernas do sinalizante não constituem elementos significativos da construção, tampouco o boné usado pelo colaborador. Apesar de visível, torna-se conceitualmente inexistente, já que não foi referenciado na narrativa.

Ainda em relação ao trecho ilustrado em (1c), a disposição facial do sinalizante, permite-nos inferir que o |*índio*| andava munido de tranquilidade. Esse estado de tranquilidade é construído a partir da configuração da face e do movimento corporal do sinalizante, transmitindo ao interlocutor a ideia de distração. Assim, o |*índio*| andava distraído pela floresta. O estado do |*índio*| é construído apenas pela mimese do sinalizante, sem qualquer atribuição proferida pelo narrador.

**Figura 3** – Tranquilidade do |*índio*|

**ANDAR**



**1c**

**Fonte:** Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

<sup>5</sup> Simbolizamos os elementos do Espaço Mental *Surrogate* entre barras e em itálico (exemplo: |*aluno*|), seguindo as notações de Liddell (1996, 2000, 2003), Dudis (2004, 2008), McCleary e Viotti (2011).



Agora, atemo-nos a um recorte da narrativa em que o sinalizante concebe vários participantes simultaneamente. Há a construção de entidades *surrogate* invisíveis, a partir da disposição do olhar e da configuração de mão adotada pelo sinalizante. O trecho é ilustrado a seguir (Fig. 4).

**Figura 4** – Postura do /índio/

**VER**



**1i**

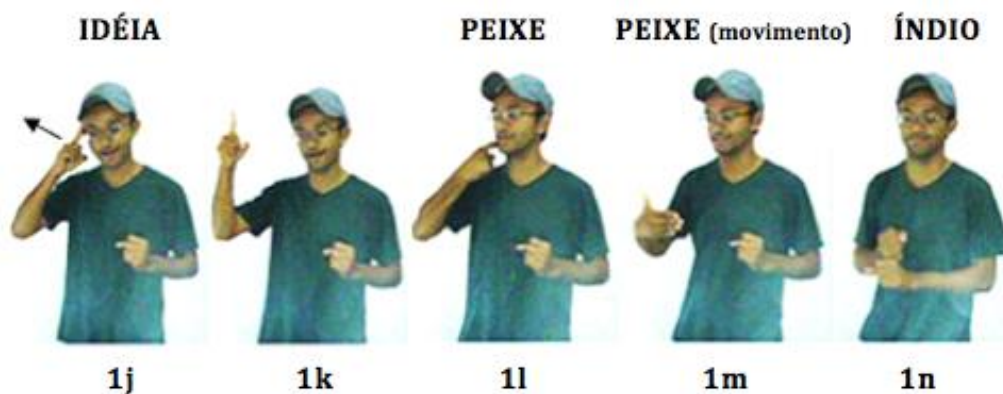
**Fonte:** Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Nesse trecho, o sinalizante *representa* o agente |índio| e a ação realizada por ele. A ação de *ver* é mimetizada pelo corpo conforme uma encenação, em que o sinalizante posiciona sua face e fixa seu olhar num ponto específico do espaço de sinalização, à esquerda do quadrante. A partir da direção do olhar do sinalizante e das informações disponíveis no início da narrativa, há a criação de um elemento *surrogate* invisível, o |peixe|, correspondente ao objeto de percepção da ação de *ver*. O sinalizante concebe a entidade |peixe| à sua direita, utilizando um ponto arbitrário do espaço de sinalização para construir esta mesclagem. O sinalizante cria também uma |lança|, outro elemento *surrogate* invisível, que na narrativa assume o papel de instrumento. Esta é criada pela configuração da mão e da posição em flexão do braço esquerdo do sinalizante de maneira a conceber o |índio| segurando uma |lança|. O membro superior direito do sinalizante também faz parte do *input* corporal na *representação* do |índio|, mostrando que está com este membro relaxado enquanto visualiza

o |peixe|. Em suma, no trecho, a *representação* concebe a ação de *ver*, os participantes |índio|, |peixe| e |lança|.

No trecho ilustrado nas imagens (1j) a (1n), a seguir (Fig. 5), o sinalizante não mais se dispõe a *representar* a ação de *ver* do |índio|. Apesar de seu olhar ainda continuar fixo num ponto à direita no espaço de sinalização, a disposição da face se torna mais relaxada que na imagem (1i), sugerindo que o sinalizante não *representa* mais tal evento. Mas, o participante |índio| continua a ser *representado* e, simultaneamente a esta mesclagem, o sinalizante codifica a fala do narrador que é articulada pela mão direita. O membro superior esquerdo (braço e mão) ainda se porta a conceber a |lança| empunhada pelo |índio|.

**Figura 5** – Narrador e /índio/



Fonte: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

## Trecho 2

Figura 6 – Trecho 2 da narrativa “O certo tem que ser maior”



Fonte: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

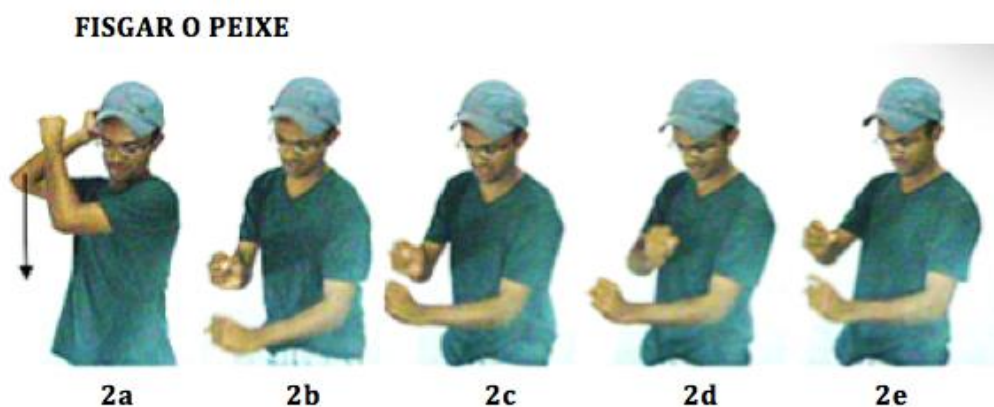
Tradução livre:

*O índio conseguiu fisgar o peixe, retirou-o da água e o pôs num cesto. Mas o peixe saiu pulando do cesto em direção ao lago. Em vão, o índio tentou alcançá-lo e acabou com o corpo todo molhado.*

No trecho 2, o sinalizante *representa* o |índio| em vários momentos na sequência de imagens. O corpo concebe este participante de forma visível, e vemos que as expressões faciais e a disposição corporal característica, adotadas na construção, também concebem simultaneamente o estado do participante e determinam qual papel semântico é atribuído a ele durante a *representação*.

Nas sequências (2a) a (2e), retomadas a seguir (Fig. 7), percebemos que o |índio| executa a ação de fisgar o peixe com o uso de uma |lança|. O |índio| é o agente, age de forma volitiva e inicia o evento com o uso de uma |lança|, um instrumento invisível. O |peixe|, que parece ser fisgado, é o paciente e também está presente na construção de maneira invisível. A disposição do corpo do sinalizante durante a representação é dinâmica; os membros superiores oscilam com discretos deslocamentos latero-laterais de maneira a sugerir uma luta entre o |índio| e o |peixe| durante a pesca. A ação corporal atrelada às expressões faciais do sinalizante, que agora pertencem ao agente |índio|, conduz o interlocutor à inferência de que este participante está num estado de esforço para ser bem-sucedido. Logo, simultaneamente, vemos a representação da ação, do agente da ação, do estado do agente, do instrumento e do paciente.

**Figura 7** – Fisgar o peixe



Fonte: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Noutro momento, ilustrado a seguir, a disposição do corpo e da face do sinalizante também representa a ação e o estado do agente durante essa ação. Em (2m), diferente da inferência proporcionada pela mimese do sinalizante na sequência anterior, o |índio| é concebido em sua ação de correr atrelado a um estado de apreensão, visto que o |peixe| está saltando em terra em direção ao lago. De acordo com o decorrer da narrativa, essa apreensão é simultânea a uma tentativa frustrada de resgatar o pescado, pois pelo desfecho, o |peixe| consegue retornar ao lago.

**Figura 8** – |índio| correndo

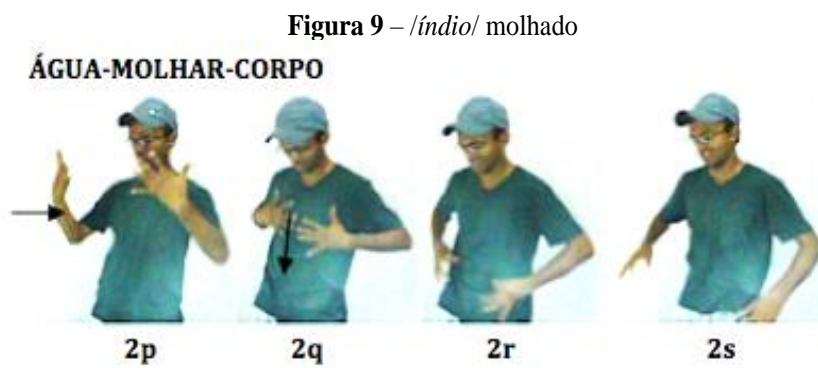
**CORRER**



**2m**

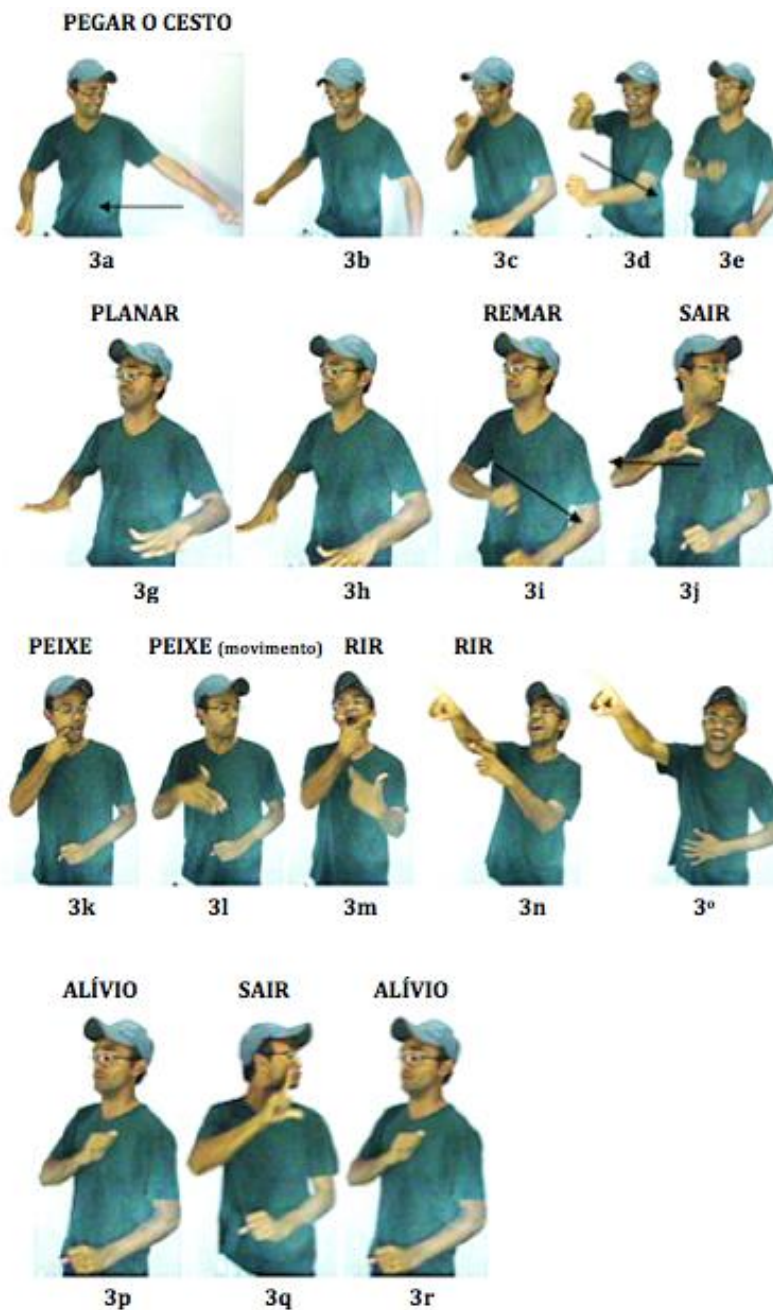
**Fonte:** Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Agora, apresentamos um trecho em que o sinalizante dá visibilidade ao |índio| enquanto paciente do evento em que participa. Nesse trecho, ilustrado a seguir (Fig. 9), nas sequências de (2p) a (2s), o corpo do sinalizante projeta o participante |índio|, que na situação, *representa* um estado resultante da ação do |peixe| ao retornar ao lago. O |peixe| agita as águas de tal maneira que encharca o |índio|. As expressões faciais e a disposição do corpo do sinalizante, observados no trecho, são vinculadas ao paciente do evento.



Fonte: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN.



**Trecho 3****Figura 10** – Trecho 3 da narrativa “O cesto tem que ser maior”

Fonte: Trecho do *corpus* analisado com o ELAN

Tradução livre:

*O índio pôs o cesto no lago e remou, até que se afastasse (da onça). Enquanto ele fugia aliviado, os peixes ficaram rindo dele.*

Na sequência de imagens (3a) a (3e) e (3p) a (3r), vemos a *representação* da ação, do agente da ação e do estado do agente; situações inferidas a partir da disposição característica do corpo do sinalizante e de sua expressão facial. Na primeira sequência de imagens, o estado de desespero é construído apenas pela ação mimética do sinalizante.

## Considerações finais

O evento em *construções representativas* é codificado a partir de seus participantes e a identificação deles se baseia principalmente na disposição do corpo do sinalizante, que confere o caráter de volição, deliberação ou afetação resultante de uma ação. Diante da análise dos dados, vimos ser possível, durante a *representação*, a codificação simultânea de entidades visíveis sobre o corpo do sinalizante, entidades invisíveis sobre o espaço de sinalização, o estado de participantes visíveis, a ação, e o discurso do narrador.

O sinalizante, ao incorporar um dos participantes do evento, possibilita um arranjo na sentença de forma a transmitir mais informações sobre a ação e os participantes. Ao dar visibilidade a um dos participantes, a sentença adota a perspectiva de uma dessas entidades.

Como mencionado, a *representação* permite codificar os estados dos participantes de eventos. O sinalizante conduz o interlocutor a essa conceitualização a partir da disposição do corpo, do olhar, das expressões faciais, que permitem inferências sobre os participantes. Vimos a performance do corpo do sinalizante coerente com a descrição feita pelo discurso do narrador, como numa ilustração daquilo que é narrado. Noutros momentos, observamos a *representação* de estados sem qualquer sinal manual, situações em que apenas o corpo do sinalizante se dispunha de forma específica para construir o significado. Assim, o corpo não apenas participa de construções conceituais, ele é a própria construção em si.

Liddell (2003), Duncan (2003), McCleary e Viotti (2011) e Okrent (2002) consideram que há elementos gestuais no discurso sinalizado. Nos dados, podemos perceber as *construções representativas* como uma mimese corporal, o que não elimina a presença de elementos lexicalizados. Com essa integração, a *representação* permite a explicitação de informações pragmáticas sobre o evento concebido (KENDON, 2004).



## Referências

AARONS, D.; MORGAN, R. Z. Classifier predicates and the creation of multiple perspectives in south african sign language. *Sign Language Studies*, v. 3, n. 2, p. 125-156, winter, 2003.

DUDIS, P. Body partitioning and real-space blends. *Cognitive Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 223-238, 2004.

DUDIS, P. Tipos de representação em ASL. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis: Editora Araraazul, 2008, p. 159-190.

DUNCAN, S. Gesture in language: issues for sign language research. In: EMMOREY, K (Ed.). *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 259-268.

KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LANGANCER, R. *Foundations of cognitive grammar. Volume 2: descriptive applications*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.

LANGANCKER, R. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. New York: Mouton de Gruyter, 2002.

LANGACKER, R. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LIDDELL, S. K. Spatial representations in discourse: comparing spoken and signed language. *Lingua*, v. 98, p. 145-167, 1996.

LIDDELL, S. K. Blended spaces and deixis in sign language discourse. In: MCNEILL, D. (Ed.). *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 331-357.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in american sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K.; METZGER, M. Gesture in sign language discourse. *Journal of pragmatics*, v. 30, p. 657-697, 1998.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. *Veredas*, v. 1, p. 289-304, 2011.

MOREIRA, R. L. *Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 2007.

OKRENT, A. A modality-free notion of gesture and how it can help us with the morpheme vs. gesture question in sign language linguistics (Or at least give us some criteria to work with). In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOZ, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. New York: Cambridge University Press, 2002. p. 175-198.

PERNISS, P. M. Achieving spatial coherence in german sign language narratives: the use of classifiers and perspective. *Lingua*, v. 117, p. 1315-1338, 2007.

SILVA, A. S. A linguistic cognitive. Uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística. Universidade Católica – Faculdade de filosofia de Braga. s/d. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2011.

WULF, A.; DUDIS, P. Body partitioning in ASL metaphorical bends. *Sign Language Studies*, Washington, v. 5, n. 3, p. 317-332, spring, 2005.

**BRUNO GONÇALVES CARNEIRO**

Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Professor da Universidade Federal do Tocantins/ Campus de Porto Nacional, no curso de licenciatura em Letras Libras. CV: <http://lattes.cnpq.br/2261247004986074>. E-mail: [brunocarneiro@mail.uff.edu.br](mailto:brunocarneiro@mail.uff.edu.br).

**CHRISTIANE CUNHA DE OLIVEIRA**

Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993) e Doutora em Linguística pela University of Oregon (2005). Atualmente é Professora Adjunta IV da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, atuando nos cursos de Letras, Educação Intercultural e Letras-Libras. CV: <http://lattes.cnpq.br/5065865711171171>. E-mail: [christiane.de.oliveira@gmail.com](mailto:christiane.de.oliveira@gmail.com).